

Maria Dorotéia Pereira

A TEORIA DOS ÍDOLOS DE FRANCIS BACON

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Temas Filosóficos da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Túlio Roberto Xavier de Aguiar

Belo Horizonte

2012

100 Pereira, Maria Dorotéia
P436i A Teoria dos Ídolos de Francis Bacon [manuscrito] / Maria Dorotéia
2012 Pereira. – 2012.

17 f.

Orientador: Túlio Roberto Xavier de Aguiar.

Monografia apresentada ao Curso Especialização em Temas
Filosóficos da Universidade Federal de Minas Gerais.

1. Bacon, Francis, 1561-1626. 2. Ciência 3. Ídolos e imagens. I.
Aguiar, Túlio Roberto Xavier de. II. Universidade Federal de
Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.
Título

A arte possui um dom de sedução, envolve suas criações com um manto de aparências tão vivas, que a inteligência as toma, frequentemente, como se fossem a realidade mesma. (...) A influência do espírito artístico sobre o pensamento se revela até nas investigações severas da ciência. Muitos princípios, denominados científicos, nada mais são que grandiosas e sedutoras metáforas. Quando o sociólogo compara a sociedade com um organismo; quando o historiador nos diz que o progresso é uma espiral dialética; quando o biólogo afirma que o animal é uma máquina perfeita, – falam como poetas. Mas deixam de sê-lo se acabam tomando a metáfora como uma realidade e pensam que, efetivamente, a sociedade é um organismo, o progresso uma espiral e o ser vivente uma máquina.

RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo apresentar a teoria dos ídolos de Francis Bacon, referente à sua obra *Novum Organum ou Verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza*. Bacon fez a filosofia preocupar-se com a possibilidade de conhecer e indagar quais as causas das ilusões, dos erros e formula aquilo que precisa ser eliminado do conhecimento que chamará de *ídolos da tribo, ídolos da caverna, ídolos do foro e ídolos do teatro*. Ele propõe uma ciência baseada na experimentação e investigação.

ABSTRACT

This work aims to present the theory of the idols of Francis Bacon, concerning the his *Novum Organum or True statements about the interpretation of nature*. Bacon made philosophy concerned with the possibility to meet and ask what the causes of illusions, mistakes and formulate what needs to be eliminated from the knowledge that will call *idols of the tribe, idols of the cave, idols of the forum and idols of the theater*. He proposes a science based on experimentation and research.

Sumário

Introdução	7
Desenvolvimento.....	8
1. Os Ídolos da Tribo	9
2. Os Ídolos da Caverna	10
3. Os Ídolos do Foro.....	11
4. Os Ídolos do Teatro.....	13
Conclusão	15
Bibliografia	17

Introdução

No livro *Novum Organum ou Verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza*, publicado em 1620, obra filosófica considerada mais importante de Francis Bacon (1561 – 1626), é apresentada, na forma de aforismos (XXXVIII – LXIX), a teoria dos ídolos. Bacon propõe uma reforma do conhecimento justificada em uma crítica à filosofia grega, escolástica e renascentista. Elimina a lógica aristotélica quando introduz a perspectiva indutiva da experiência. Acredita que, eliminando todos os ídolos do conhecimento, a alma estaria pronta para construir um novo conhecimento a partir das percepções da natureza, segundo o qual a finalidade da ciência seria tanto cognitiva quanto operativa, teórica tanto quanto prática.

Para Bacon, são quatro gêneros de ídolos que impedem a verdadeira compreensão acerca da interpretação da natureza, a saber:

1. *Ídolos da Tribo* – são conhecimentos derivados da própria natureza humana, as percepções dos sentidos e da mente tomadas como verdade, pertencem apenas ao homem e não ao universo.
2. *Ídolos da Caverna* – resultam da própria educação e dos costumes, percepções erradas em relação ao mundo que cerca os indivíduos.
3. *Ídolos do Foro* – são conhecimentos vinculados à linguagem e tidos como verdadeiros, entretanto, as palavras podem ser distorcidas, ambíguas ou indeterminadas.
4. *Ídolos do Teatro* – são dogmas e sistemas filosóficos considerados fonte de todo conhecimento para explicar a natureza, porém, não passam de leis equivocadas de demonstração transmitidas pela tradição.

Desenvolvimento

Na época do filósofo Francis Bacon, o intelecto humano se encontrava ocupado com noções falsas que impediam seu uso como meio para desvendar e transformar a natureza. Ele deu aos erros o nome de *ídola*, do latim e *eidolon*, do grego, que corresponde a fantasma ou imagem, espectro, e, também, a ídolos, tendo prevalecido a expressão *os ídolos de Bacon*. Bacon denominou ídolos as falsas noções que bloqueiam a mente e invadem o intelecto humano impossibilitando o acesso à verdade e gerando dificuldades em relação às ciências, quando não são combatidos. Surgiram a partir da própria natureza humana, da tradição, do temperamento individual ou do prestígio e autoridade alheios.

Bacon acredita que, para se estabelecer o progresso da ciência, é preciso destruir os ídolos. Um ídolo é um retrato considerado como se fosse uma realidade, ou seja, é um pensamento confundido com a coisa, uma deturpação, um erro, que está arraigado na mente e nas atitudes humanas. Em sua teoria, os ídolos se classificam em quatro categorias: *Ídolos da Tribo*, *Ídolos da Caverna*, *Ídolos do Foro* e *Ídolos do Teatro*, que serão apresentados a seguir.

1. Os Ídolos da Tribo

Idola Tribus (ídolos da tribo). Os homens tendem a crer que todas as suas percepções refletem a realidade, quando, em geral, ocorre o contrário: as percepções não passam de relações no que diz respeito ao homem. O pensamento obedece ao princípio de que o sentido humano é a medida de todas as coisas.

O homem, sendo o padrão das coisas, faz com que todas as percepções dos sentidos e da mente sejam tomadas como verdade, sendo que pertencem apenas ao homem, e não ao universo. São muitos os ídolos da mente, que simplificam o mundo e causam superstições. A percepção do homem está moldada para reduzir o complexo ao simples, realçando o que lhe é favorável. Pensamentos retratam o homem mais do que retratam o objeto.

Segundo G. Francovich, Bacon enumera as seguintes tendências nos ídolos da tribo:

1. O pensamento busca encontrar, no mundo, uma regularidade e uma harmonia maiores do que as que, em realidade, existem. Atribui às coisas simetrias, formas geométricas, relações e correspondências que elas não possuem.
2. Uma vez aceita uma ideia que lhe agrade, o pensamento tende a desprezar os fatos que não estão de acordo com ela e a dar importância desmedida aos que a confirmam.
3. O pensamento tem predileção pelas ideias de infinito e de eternidade. Vai sempre além das limitações que, em toda a parte, a natureza apresenta.
4. As paixões modificam, imperceptivelmente e de mil maneiras, as ideias. O homem aceita, facilmente, as ideias que deseja que sejam verdadeiras.
5. As aberrações e ilusões dos sentidos conduzem, muitas vezes, a teorias fantásticas sobre as coisas.
6. O pensamento tende à abstração, com mais facilidade que à observação da realidade. (G.FRANCOVICH, 1938, p. 9)

Para Bacon, deve-se ter muito cuidado ao lidar com esses ídolos, pondo sob suspeita suas convicções. “O intelecto humano é semelhante a um espelho que reflete

desigualmente os raios das coisas e, dessa forma, as distorce e corrompe”(AF. XLI). A tribo humana vê as coisas com olhos que as deformam antropomórfica e antropocentricamente.

A crença numa evolução, que leva a natureza, das formas mais primitivas da existência inorgânica, à criação da vida e, desta, à formação das forças espirituais transcendentais, ostenta a marca do antropomorfismo¹, porque pretende colocar o homem, no ápice dessa evolução. Para esta concepção, o mundo é um processo, cuja finalidade é o humano. O homem é a razão de ser do universo. Um impulso poderoso, lentamente, pacientemente, através de tentativas abortadas e de esforços afortunados, faz-se surgir. Ele tem aberto os caminhos que não são apenas seus, mas do universo inteiro. Dentro deste antropomorfismo grandioso, o homem representa a auto-divinização do universo.

(...) A ciência, porém, diz que as chamadas leis da natureza são, apenas, constatações que nossa inteligência faz da constância de certos fenômenos naturais, constatações que não têm senão um valor estatístico. (G.FRANCOVICH, 1938, p. 29).

2. Os Ídolos da Caverna

Idola Specus (ídolos da caverna). Os ídolos da caverna são os erros provenientes da conformação de cada indivíduo, resultado da própria educação e da pressão dos costumes, são os erros advindos de nossa leitura e interpretação dos dados da realidade, seja devido à natureza própria e singular de cada um; seja devido à educação, cada pessoa possui sua própria caverna particular, que interpreta e distorce a luz da natureza, à qual estão acostumados, e é essa diversidade das falsas verdades que vão ocupando o intelecto humano.

1 s.m. Aplicação dos atributos humanos à divindade. Doutrina que concebe a divindade à imagem do homem: o politeísmo greco-romano era um antropomorfismo. “Disponível em:” Dicionário Online de Português <www.dicio.com.br>

Bacon compara a personalidade humana a uma caverna, dentro da qual o pensamento se torce e se deforma, submetido às influências do individual. (...) O homem tem a vaidade de suas ideias, como tem a vaidade da força ou de sua beleza física. Defende-as como emanações sutis que dão o contorno perfeito de sua própria personalidade. No fundo, desta tendência, existe um legítimo sentimento. A metade de nossas ideias, pelo menos, estão baseadas em impressões, interesses ou aspirações de caráter pessoal.

A variedade de pontos de vista e a multiplicidade das opiniões, que se encontram entre os homens, são devidas às diferentes formas em que o organismo, os instintos e as inclinações de cada pessoa intervêm na formação de suas ideias.

Os homens não pensam, geralmente, senão sobre as coisas por eles vividas, cujo sentido interpretam e cujo valor apreciam. Assim, cada indivíduo possui uma realidade, um mundo exclusivamente seu. Dentro desse mundo, o indivíduo é o centro e possui perspectivas incognoscíveis para os outros homens. O conjunto de apreciações e de juízos que se formam dentro dele constitui a mentalidade da pessoa. (G. FRANCOVICH, 1938, p. 42)

Como dizia Heráclito, citado por Bacon, “que os homens buscam em seus pequenos mundos e não no grande ou universal” (AF. XLII), ou seja, buscam os conhecimentos em seus minúsculos mundos particulares e não no universal, quer dizer, no comum de todos.

3. Os Ídolos do Foro

Idola Fori (ídolos da vida pública). Os ídolos do foro estão vinculados à linguagem e decorrem do mau uso que dela fazemos; a identificação do indivíduo com as ideias de seu ambiente se realiza de maneira imperceptível, através da linguagem, da educação e dos costumes. “São de todos os mais perturbadores” (AF: LIX), pois podem invadir o intelecto através das palavras. São aqueles erros encontrados nas palavras ou nos discursos quando a palavra é distorcida pelos homens sábios que usam de suas oratórias para enfatizar o discurso. Muitas vezes levam os homens a usarem palavras, que não são mais do que abstrações como se fossem nomes de entidades reais.

Para Bacon, a linguagem, que deve ser governada e utilizada pelo homem, se converte em uma fecunda criadora de “ídolos”. As palavras chegam a adquirir uma importância exagerada. E as mais importantes discussões degeneram, frequentemente, em disputas verbais. A linguagem engendra o erro, inventando nomes para coisas que não existem ou aplicando nomes ambíguos ou indeterminados às coisas existentes. (G. FRANCOVICH, 1938, p. 11)

O filósofo entende que as relações sociais, com seu jogo de palavras que dissimulam o embate das forças sociais declaradas e subliminares, também corrompem o entendimento e clareza da ciência e do saber em todos os campos do conhecimento; a linguagem, por sua condição simbólica, e também manipulada por dominação de classe, não define os objetos a que pretende referir. Há um distanciamento da ciência objetiva, dada pela ambiguidade de linguagem que, impostas segundo a compreensão da multidão, ocasiona a má disposição de palavras resultando em obstrução da mente. Os homens usam as palavras para designar o que dizem ser realidade, mas, em certos casos não designam mais que abstrações, geradas pela ambiguidade das palavras distorcidas e pela comunicação entre os homens. Segundo Bacon, são, de todos os ídolos, os mais perturbadores, porque “insinuam-se no intelecto graças ao pacto de palavras e nomes. Os homens, com efeito, creem que a sua razão governa as palavras. Mas sucede também que as palavras volvem e refletem suas forças sobre o intelecto, o que torna a filosofia e as ciências sofisticadas e inativas” (*Novum Organum*, AF: LIX).

Os ídolos que se impõem ao intelecto através das palavras são de duas espécies. Ou são nomes de coisas que não existem (...), ou são nomes de coisas que existem, mas confusos e mal determinados e abstraídos das coisas, de forma temerária e inadequada. À primeira espécie pertencem: a fortuna, o primeiro móvel, as órbitas planetárias, o elemento do fogo e ficções semelhantes, que têm origem em teorias vazias e falsas. Essa espécie de ídolos é a mais fácil de se expulsar, pois se pode exterminá-los pela constante refutação e ab-rogação das teorias que os amparam. Mas a outra espécie é mais complexa e mais profundamente arraigada por se ter formado na abstração errônea e inábil. Tome-se como exemplo a palavra *úmido* e enumerem-se os significados que pode assumir. Descobriremos que esta palavra *úmido* compila notas confusas de operações diversas que nada têm em comum ou que não são irredutíveis. Significa, com

efeito, tudo o que se expande facilmente em torno de outro corpo; tudo o que é em si mesmo indeterminável e não pode ter consistência; tudo o que facilmente cede em todos os sentidos; tudo o que facilmente se divide e dispersa; tudo o que se une e junta facilmente; tudo o que facilmente adere a outro corpo e molha; tudo o que facilmente se reduz a líquido, se antes era sólido. De sorte que se pode predicar e impor a palavra *úmido* em um determinado sentido, “a chama é úmida”; e em outro, ainda, “o ar não é úmido”; em outro, “o pó fino é úmido”; e em outro, ainda, “o vidro é úmido”. Daí facilmente transparece que esta noção foi abstraída de forma leviana apenas da água e dos líquidos correntes e vulgares, sem qualquer adequada verificação posterior. (*Novum Organum*, AF: LX)

Assim, são as opiniões e as influências dos hábitos verbais sobre a liberdade do espírito que se formam como consequência de abstrações como se fossem nomes de entidades reais e distorcidas pela comunicação. São difíceis de vencer, mas o intelecto tem poder sobre eles.

4. Os Ídolos do Teatro

Idola Theatri (ídolos da autoridade). Decorrem da irrestrita subordinação à autoridade (por exemplo, a de Aristóteles). Os sistemas filosóficos careciam de demonstração, eram pura invenção como as peças de teatro. Conhecendo esta potencialidade estética do pensamento, é que Bacon dizia que os sistemas filosóficos, em sua generalidade, são grandes construções teatrais, destinadas a seduzir as inteligências.

Bacon compara as teorias e os sistemas filosóficos a verdadeiras farsas teatrais, comédias que apresentam, diante de nossa inteligência, mundos imaginários, “brilhantes especulações que não passam de arte de nos extraviar metodicamente”. Sua adoção, sem exame, só porque foram transmitidos pela tradição, faz destes sistemas verdadeiros ídolos clandestinos. Bacon, que dá ao conhecimento, como finalidade, a técnica e o domínio da natureza, chama as filosofias antigas de “arraçado desconexo composto do produto da credulidade, do acaso e das noções que ingerimos juntamente com o leite com que nos amamentamos”. Pensa que se

deve aplicar a todas as filosofias do passado a frase de Dionísio sobre a de Platão: “Palavras de velhos ociosos dirigidas a jovens ignorantes”. (GUILLERMO FRANCOVICH, 1938, p. 11)

Assim, os ídolos do teatro são os que emigram para o espírito dos homens procedentes dos vários dogmas filosóficos e de leis equivocadas de demonstração. São assim chamados, porque no entender de Bacon, os sistemas recebidos são outros tantos cenários que representam mundos fictícios. Bacon classifica três tipos as fontes dos erros e das falsas filosofias: a sofística – baseada em falsos raciocínios: Aristóteles, que, “ao impor à natureza das coisas inumeráveis distinções arbitrarias, mostrando-se sempre mais solícito em formular respostas e em apresentar algo positivo nas palavras do que a verdade íntima das coisas.” (AF: LXIII); a empírica – baseada em precipitações e ousadas generalizações: alquimistas. “As suas teorias não estão baseadas nas noções vulgares (...), mas na estreiteza de uns poucos e obscuros experimentos.” (AF: LXIV); e a supersticiosa – baseada na reverência pela mera autoridade e tradição: pitagorismo, platonismo, “e da mescla com a teologia, vai muito além e causa danos tanto aos sistemas inteiros da filosofia quanto às suas partes, pois o intelecto humano não está menos exposto às impressões da fantasia que às das noções vulgares”. (AF: LXV)

G.Francovich reflete que:

Apesar disso, o pensamento atual, como o pensamento do século XVI, não está isento de compromissos com as formas de mentalidade que dominaram no passado. Ao mesmo tempo que uma sólida bagagem de conhecimentos verdadeiros, – patrimônio da cultura – o pensamento recebe as heranças contraditórias de ideologias arcaicas. Formas de mentalidade, correspondentes a épocas que consideramos completamente superadas, intervêm no pensamento atual e exercem sua ação sobre nossa vida. Por isso, pode-se perfeitamente falar de uma geologia e de uma paleontologia mentais. Em nosso pensamento, existem muitas camadas com fósseis e estruturas intelectuais pertencentes a idades desaparecidas.

(...) Daí, a razão pela qual, quando aparecem fatos novos ou observações desconhecidas, o pensamento tenda a incrustá-los nos antigos sistemas ao invés de modificá-los. (G.FRANCOVICH, 1938, p. 98)

Conclusão

Na busca pelo verdadeiro conhecimento, Bacon encontra nos “ídolos” a causa de todos enganos e “por decisão solene e inquebrantável todos devem ser abandonados e abjugados. O intelecto deve ser liberado e expurgado de todos eles, de tal modo que o acesso ao reino do homem, que repousa sobre as ciências (...)” (AF: LXVIII).

Então, para alcançar o verdadeiro conhecimento da natureza era necessário afastar-se das ilusões dos sentidos, das palavras ou das opiniões. Ele recorreu a uma explicação brilhante das causas dos erros. Foi o primeiro que esboçou uma metodologia racional para a atividade científica. “Sua teoria dos ídolos antecipa, pelo menos potencialmente, a moderna sociologia do conhecimento. Foi um pioneiro no campo científico e um marco entre o homem da idade média e o homem moderno”².

G.Francovich analisa que:

Para Francis Bacon, na investigação da verdade, os obstáculos maiores não provêm de causas conscientes ou de impedimentos exteriores. O homem aspira, de boa fé, ao conhecimento, deseja sinceramente chegar à verdade, e, por ela, orientar-se. É enganado, porém, pelos fantasmas que surgem, inconscientemente, da natureza individual e social do próprio homem e que se interpõem entre o pensamento e a realidade, obscurecendo-os e deformando-os. Bacon coloca o problema da verdade num terreno que não é, puramente, lógico, mas, ao contrário, psicológico, social, humano. As ideias estão sujeitas, de forma tenaz e compressoras, ao racional. No pensamento, os sentimentos e os interesses valem, quase sempre, muito mais que a razão.”(G. FRANCOVICH, 1938, p. 8)

Para Bacon, não há nada além da ciência, as superstições são trivialidades e os fenômenos psíquicos devem ser submetidos a um exame científico, pelo qual o homem poderia construir uma nova ciência capaz de interpretar corretamente a natureza e

2 “Disponível em:” <http://pt.wikipedia.org/wiki/Francis_Bacon >

realizar os anseios do espírito moderno. “As demonstrações, na verdade, são como que filosofias e ciências em potência, porque, conforme sejam estabelecidas, mal ou corretamente instituídas, assim também serão as filosofias e as especulações.” (AF: LXIX). Para F. Bacon, o governo e a ciência devem estar ligados à filosofia. “(...) Esses sentimentos em relação à ciência explicam a adesão entusiástica e irracional, onde o homem de ciência e o engenheiro têm prestígio de que gozavam seus antepassados: o mago e o alquimista.”(G.FRANCOVICH, 1938, p. 32).

Assim, “o perigo das filosofias não está no fato de poderem fracassar diante do problema, mas no de perpetuarem os erros, que as suas falsas respostas encerram”. (G. FRANCOVICH, 1938, p. 114).

Bibliografia

BACON, Francis. *Novum Organum, ou, Verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza*; Nova Atlântida. 2ª edição, São Paulo: Abril Cultural, 1979, 272p.

BACON, Francis. *A sabedoria dos antigos*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002. 98p.

BACON, Francis; FIKER, Raul. *O progresso do conhecimento*. São Paulo: Editora Unesp, 2007. 326p.

BUNNIN, Nicholas; TSUI-JAMES, E. P. *Compêndio de filosofia*. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010. xix, 984 p.

FIKER, Raul. *O conhecer e o saber em Francis Bacon*. São Paulo: Nova Alexandria: Fapesp, 1996. 159p.

FRANCOVICH, Guillermo. *Os Ídolos de Bacon*. Rio de Janeiro: Brasília Editora, 1938, 124p.

ROSSI, Paolo. *Francis Bacon: da magia à ciência*. Londrina, PR: EDUEL; Curitiba: Ed. UFPR, 2006. 447p. (Ed. da UFPR)

Vida e Obra de Bacon. São Paulo: Abril Cultural, 1973.